Sr. Engº N. Santos 37 - Sr. Engº

Ano IV — Lisboa, Dezembro de 1948 — N.º 44

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

LIÇÕES DO PASSADO

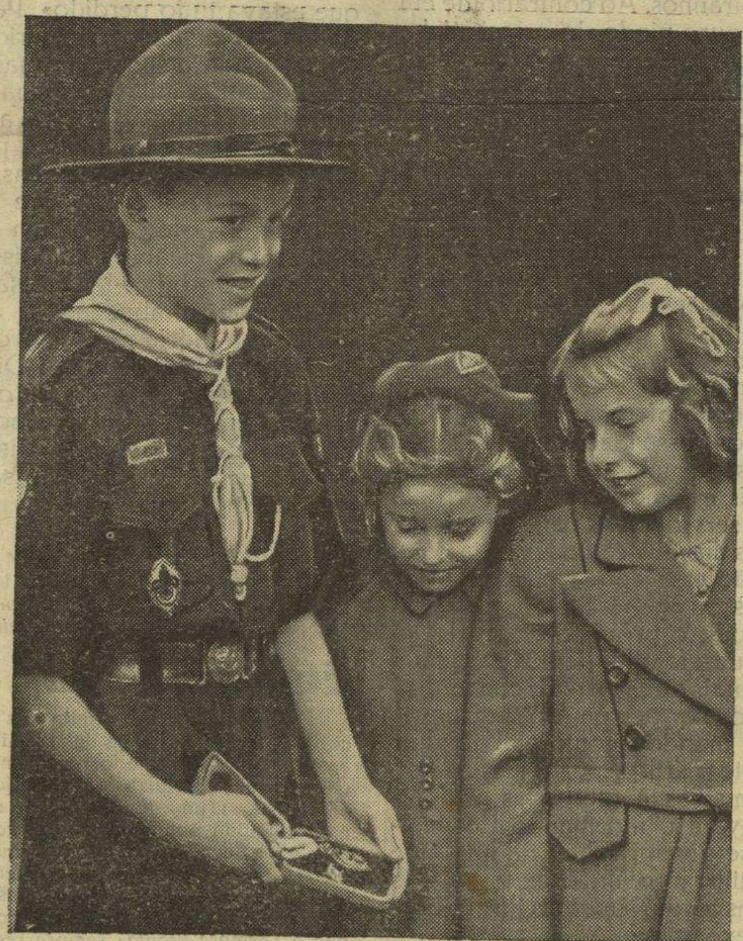
Ao abrirmos o grosso volume da História Pátria, onde palpita o génio da gente lusitana, mais uma vez os nossos olhos caíram sobre a página gloriosa do 1.º de Dezembro de 1640 e nos deixámos prender interessados na leitura das narrativas dos notáveis acontecimentos que culminaram a auspiciosa jornada da Restauração de Portugal. Que belo conjunto de nobres feitos! A lealdade e o espírito de sacrifício dos quarenta fidalgos conjurados dispostos a arriscar tudo: posição, bens, liberdade e a própria vida, no resgate da Pátria duramente afligida pelo dominador estrangeiro; a generosidade de Filipa de Vilhena e Mariana de Lencastre, colocando o serviço da nação acima do amor de mãe; o heroísmo e a unidade solidária de um povo que acorre oferecendo o seu esforço e o seu sangue para manter e consolidar a vitória, são circunstâncias e factos que nenhum português pode ler sem orgulho.

O valor da História não está, como pode ser julgado, na mera satisfação da curiosidade, mas nas lições que o passado nos oferece e que se traduzem em experiência para o presente e sábia previdência para o futuro. É mister, pois, que observemos as circunstâncias que tornaram possíveis os feitos e os fracassos, e investiguemos as origens das vitórias e dos desaires de antanho.

Para bem apreciar o significado da Restauração de Portugal é necessário saber-se que o país vinha sendo intencional e sistemàticamente enfraquecido, os seus homens de guerra desviados para lutas estranhas, os nobres suspeitos de fidelidade retirados de lugares de comando e afastados do país, as finanças desorganizadas por duros impostos e empréstimos forçados; o povo arruinado por privações. Os sacrifícios e sofrimentos impostos ao país—com que o dominador julgava assegurar a sua soberania—foram, porém, o cadinho que fez retemperar as energias ancestrais da raça e sublimou virtudes que fazem grandes os homens e valorosas as nações.

Foi suficiente que constasse—não se sabe como, visto que tinha sido imposto segredo sob a ameaça do mais severo castigo—que o governo espanhol tinha comunicado aos nobres e prelados chamados a Madrid a intenção de acabar com as últimas prerrogativas de soberania concedidas ainda a Portugal, para que a indignação tomasse os espíritos e gerasse a determinação da revolta.

Se foram só quarenta fidalgos que no palácio do Conde de Almada planearam a revolução e na manhã daquele primeiro dia de Dezembro realizaram o golpe temerário de derrubar o governo de traidores e estrangeiros, bastou que D. Mi-



O MAIS NOVO POSSUIDOR DA «ALBERT MEDAL»

Vê-se na gravura acima o Escoteiro David Western, de 11 anos de idade, de Acton, Londres, que, à saída do Palácio de Buckingham, após ter sido condecorado pelo Rei Jorge VI, mostra a sua irmã e a sua prima a Medalha Albert com que foi agraciado pela sua grande valentia, quando em Fevereiro último, salvou três seus amigos que, estando a patinar num lago gelado do Parque Osterley, perto de Londres, se afundaram.

David mergulhou e ajudou um a sair e voltou segunda vez com uma corda e salvou os outros dois. É o mais novo possuidor de tão importante condecoração.

O Jornal «SEMPRE PRONTO» deseja a todos os seus amigos, assinantes e colaboradores um Natal Feliz e abundante em bênçãos.

guel de Almeida bradasse de uma janela — *Liberdade! Viva el-rei D. João IV!* —, para que a nação se levantasse e, a rasgos de heroísmo, escorraçasse o opressor para além-fronteiras e repelisse todas as subsequentes tentativas de invasão.

Só através do espírito de sacrifício e de trabalho, e só uma nação unida, tornaria possível semelhante feito. É que a Espanha, embora ocupada na guerra da Catalunha, era nessa época uma potência militar importante e Portugal encontrava-se debilitado e a sua força militar desorganizada.

Será interessante estabelecer o paralelo entre estes factos tão honrosos da nossa História e as ocorrências que em 1580 tornaram possível a usurpação do trono português, sem que uma nova Aljubarrota tivesse detido os apetites estranhos. Ao contrário de em 1640, a nação estava rica, ouro vindo do oriente tinha gerado a abastança e, se em 1578 o exército tinha sido perdido em Alcácer-Quibir, justo é afirmar que a situação militar era mais favorável do que sessenta anos mais tarde. Porém, a nação estava habituada ao fausto, a nobreza e o clero viviam no luxo e na ostentação, a burguesia na avidez do mercantilismo, o povo abandonava as terras atraído pela vida fácil das cidades. Especialmente na corte a dignidade tinha sido substituída pelas atitudes mais servis, no apetite de mercês e benesses, favores e recompensas. Os costumes corrompiam-se, reinava o fanatismo e a intolerância, sintomas evidentes de degenerescência. Alexandre Herculano define assim esse momento: — «Se há alguma época da nossa história que nos ofereça uma alta lição; se há algum sucesso que nos possa fazer enèrgicamente sentir quais sejam as consequências fatais da perversão moral de qualquer país, e como aos povos corrompidos não tarda o dia da servidão, ou de serem riscados da lista das nações, os fins do século XVI e a conquista feita por Filipe II são essa época e esse fruto».

Tal situação não passou despercebida ao rei de Espanha que tirou dela todo o proveito possível. Diz o Prof. Queirós Veloso «que a fatalidade pôs nas mãos de Filipe II o mais hábil, o mais dúctil, o mais engenhoso instrumento de corrupção, na pessoa do português Cristóvão de Moura, que mandou como embaixador a Portugal». Coube a este pérfido português aliciar, subornar através de promessas e oferendas os fidalgos e prelados que cercavam o moribundo Cardeal-Rei. Com muita perícia se desempenhou da missão e para cada caso soube utilizar o meio de preversão mais adequado. Conta-nos ainda o mesmo ilustre professor, dois casos como exemplo:

Para seduzir o Marquês de Vila Real, senhor de muitas terras confinantes com a Espanha, e que era absolutamente dominado por sua mulher, utilizou o processo de deslumbrar a esposa com um anel valioso oferecido pela rainha D. Ana de Áustria, acompanhado por missiva que ele próprio minutou. Tal habilidade valeu a Filipe II a oferta de todas as fortalezas da fronteira.

Para aliciar o Secretário de Estado, Miguel de Moura, o embaixador sugeriu a Filipe II a oferta de uma «relíquia» a um convento de Sacavém fundado pela esposa daquele, dizendo-lhe: «Miguel de Moura daria tudo por uma relíquia autêntica. Não é nosso inimigo, mas não é tão amigo como convém, sendo ele o melhor conselheiro do Cardeal. Não poderia Sua Majestade *furtar* a S. Lourenço alguma relíquia? Senão, estava resolvido a procurar *calaveras de muertos y decir que son de Vírgenes*». O mesmo Professor nos conta que Filipe respondeu a esta carta dizendo: «Não sabia se poderia tirar alguma relíquia a S. Lourenço. Achara graça à proposta e às considerações. Parecia-lhe, porém, melhor, encomendar na Alemanha algumas relíquias, apesar de estar convencido que muitas das que vinham de lá eram falsas». Mas foi assim que Miguel de Moura se tornou «num acérrimo defensor da candidatura de Filipe II ao trono de Portugal». Procuradores houve — e entre eles o insigne Febo Moniz — que quiseram evitar a usurpação, mas não lhes foi possível vencer esta camarilha.

Este quadro dá-nos a ideia clara da triste situação de Portugal quando em 31 de Janeiro de 1580 o Cardeal D. Henrique se finou. Felizmente, que, embora esporádica, o invasor não entrou em Portugal sem luta. Em Alcântara, D. António, Prior do Crato, fez-lhe frente com uma força constituída de improviso. Mas a sua ala esquerda, composta de um batalhão naval, depressa se bandeou, enquanto a ala direita, formada com presos libertos, debandava. No centro, porém, estavam homens do povo, portugueses de lei, que bateram o centro inimigo, derrotaram o reforço que lhe foi levado, o que levou o capitão espanhol a pedir aflitivamente novos reforços ao Duque de Alba «porque estava tudo perdido». Perante a grande superioridade numérica do adversário, a pequena hoste portuguesa tinha de sucumbir, mas só o fez depois de provar que ali crepitava a alma da nação.

Em Lisboa, o clero, a fidalguia e a burguesia, ansiosos das recompensas prometidas, receberiam o o invasor com galas e festas.

Duas épocas: 1580 e 1640! Duas lições que a História nos oferece. De um lado a luxúria, a imoralidade, a ambição, o fanatismo conduzem Portugal à servidão. Do outro lado o sacrifício, o trabalho, a solidariedade, a abnegação: um povo unido conduz Portugal à glória e resgata os erros de 1580.

Se comemoramos o Dia da Restauração não o fazemos como injúria para o país vizinho, mas no desejo sincero de afirmar a nossa vontade de independência, aproveitando da História experiência e sabedoria que orientem a nossa vida como cidadãos de uma nação livre.

BIBLIOGRAFIA:

O significado histórico do 1.º de Dezembro — *Queirós Veloso.*
Opúsculos — *Alexandre Herculano.*
O Doutor Minerva — *M. Bento de Sousa.*

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Novamente vimos junto nos nossos estimados assinantes recordar que a cobrança de assinaturas pelos serviços de correio é bastante dispendiosa, e foi recentemente, mais encarecida ainda, pelo que nos causa prejuízo a devolução de qualquer recibo. É justo que afirmemos que uma grande parte, a maioria mesmo, dos nossos assinantes liquida pontualmente os recibos que lhe são apresentados e só alguns devolvem os recibos, quase sempre porque em suas residências não há ordem para pagamento. Pedimos, pois, a esses nossos amigos que não deixem de dar instruções às pessoas que atendem o correio para que o pagamento possa ser feito prontamente, favor que o «*Sempre Pronto*» sempre regista com muito agradecimento.

Quando a cobrança não for efectuada à primeira apresentação, esperamos que os nossos prezados assinantes nos permitam cobrar a despesa causada por esse facto.

Considera-se vencida a assinatura cujo primeiro número do jornal foi recebido e não devolvido, pelo que não são de aceitar recusas de pagamento *alegando que não deseja assinar* desde que o jornal foi aceite.

A cobrança na Província mais dispendiosa se torna ainda, em virtude do menor número de recibos, pelo que a remessa da importância da assinatura é favor muito valioso.

A ADMINISTRAÇÃO

PALESTRAS COM UM GUIA

A BOA ACÇÃO

Tens meditado alguma vez sobre a importância que o nosso Movimento atribui a que cada Escoteiro realize uma boa acção diàriamente.

Um artigo da Lei do Escoteiro, que prometeste cumprir, obriga-te concretamente a realizar cada dia uma boa acção; e a tua insígnia, o nó do lenço, alguma canção e os livros e revistas escotistas, se esforçam em recordar-te constantemente o teu dever neste importante aspecto. Deste modo, a B. A. chega a fazer parte consubstancial de todo o Escoteiro, de tal maneira que escoteiro e B. A. resultem um todo unido e indivisível.

Como Guia de Patrulha, tens o encargo de velar para que os teus companheiros se não esqueçam nunca da B. A., e um dos melhores procedimentos para obter êxito nesta tua missão, é pregar com o exemplo. Podes recorrer também, de vez em quando, a que nos Conselhos de Patrulha, os teus companheiros expliquem algumas das boas acções por eles realizadas nos últimos dias. Eu fazia isto na minha Patrulha e obtinha bons resultados, porque se despertava um afã de emoção entre todos. Tenho a dizer que esta espécie de «confissão» deve ficar secreta dentro da Patrulha, e só poderás dizer ao Instrutor o feito de teus companheiros, se for requerido a eles pelo mesmo Instrutor. E não é que as boas acções se não possam proclamar aos quatro ventos; é que, se se fizer assim, pode dar lugar a que brote a imodéstia, e que ao executar um acto bom se faça por vaidade, em lugar de fazê-lo simplesmente pelo bem que representa para os demais.

Isto é o que representa a B. A. individual. Porque há outra faceta muito importante para ti: a B. A. colectiva realizada pela Patrulha em comum, acto que os unirá um pouco mais ainda, e elevará o vosso espírito.

Umas vezes, a ocasião brotará ante vós no decorrer de qualquer excursão, e no Livro de Ouro podeis relatar minuciosamente como extinguistes um fogo numa casa de campo, como desatolastes um carro enterrado até aos eixos no barro do caminho, ou como metestes em talas a pata de um cão ferido.

Pelo contrário, haverá boas acções que serão o resultado de uma iniciativa da Patrulha, estudada e projectada antecipadamente. Por exemplo: eu sei de umas Patrulhas que, em vésperas de Natal, armavam os seus carros e saíam pela cidade solicitando donativos no comércio, com os quais podiam levar algumas coisas aos pobres no dia do nascimento do Senhor. Eu sei que na vossa Associação isto não é permitido, mas podeis visitar os vossos amigos íntimos fazendo idêntico pedido. Outra Patrulha organizava periòdicamente uns pequenos festivais cómicos com que distraía um bocado aos meninos pobres de um asilo. Outra, pôs-se de acordo com o Professor de um modesto Colégio dos subúrbios, e prepararam um jardim no pátio, encarregando-se também de dar uma classe de ginástica. Uma Patrulha tomou debaixo da sua protecção a um ancião do campo que, com o produto de uma modesta fazenda, tratava de cuidar de dois netinhos órfãos; os rapazes ajudavam-no nos seus trabalhos agrícolas, proporcionavam lenha para o fogão, instruíam os órfãozinhos e construíram-lhes os seus brinquedos.

Não creio necessário dizer-te quão alto ficava o nome da Associação, com o trabalho dessa Patrulha.

Vós, modestamente, silenciosamente, podeis fazer outro tanto. O campo de acção para uma Patrulha que queira praticar o bem é imenso, tão grande como o próprio mundo em que vivemos. Para qualquer lado que volveis os olhos, encontrareis uma ocasião de desfazer o nó dos vossos lenços, e acrescentar uma boa narrativa ao Livro de Ouro da Patrulha.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

Serviços do "Sempre Pronto,,

Redacção e Administração — Trav. de Vitorino de Freitas, 9 — Lisboa

Director — Eduardo Ribeiro
Administrador — Capitolino Ferreira Macedo
Redactor Principal — Joel Ribeiro

Redactores — Ernesto Clímaco do Nascimento e Carlos Fernando Garcia.

Delegado no Norte — Vidal Vieira dos Santos
Rua de Gomes Freire, 68, 3.º — Porto
Agentes-Correspondentes:
No Entroncamento — João Godinho.
Em Sintra — António Augusto da Silva e Cunha.
Em Carcavelos — Francisco Manuel Mosqueira do Amaral.
Em Olhão — Francisco Militão dos Santos
Na Póvoa de Santa Iria — Aires Gomes Dinis.
Em Vila Real de Santo António — José Manuel Pereira.
Em Tavira — Armando Romão da Rosa.
Em Angra do Heroísmo, Açores — Jacinto dos Reis Moniz Silva.
Delegado em Moçambique — Alberto Borges de Mendonça.
Caixa Postal n.º 53 — Beira

O «*Sempre Pronto*» deseja ter correspondentes em todas as localidades onde haja Grupos de Escoteiros e convida os respectivos Chefes e proporem-nos os elementos que devem desempenhar tal cargo.

Na cidade de Lisboa e Porto os Grupos podem igualmente ter um correspondente junto do nosso jornal encarregado de nos fazer chegar as notícias particulares dos seus Grupos e angariar a[illegible]

O Escotismo na Capital

ANIVERSÁRIOS

Grupo N.º 2

Passou no primeiro dia do corrente mês o 36.º aniversário do 2.º Grupo dos Escoteiros de Portugal, a unidade associativa mais antiga em actividade, visto que conseguiu o êxito de nunca ter suspendido o funcionamento. Tem tido, é certo, períodos brilhantes, períodos fracos, mas sempre em actividade.

Comemorando o seu aniversário, este Grupo realizou no passado dia 30 uma festa no Campolide Atlético Clube, a que esperamos fazer referência no próximo número.

O «*Sempre Pronto*» felicita o Chefe e Escoteiros do «2» por este aniversário, fazendo votos de que o seu Grupo conquiste êxito e desenvolvimento que façam honra às suas tradições.

* * *

Por motivo do aniversário do Grupo 2, recebemos uma carta do nosso estimado amigo e antigo escoteiro deste Grupo, Sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, lembrando que este significativo aniversário era digno de que se promovesse um almoço de confraternização entre os seus antigos e actuais escoteiros, oportunidade excelente para que estes possam apreciar o êxito do Escotismo na formação cívica dos seus antigos camaradas.

Grupo N.º 53

No dia 1 deste mês, passou o 15.º aniversário do Grupo 53, uma das unidades associativas da Capital mais activa e próspera.

Comemorando esta data realizou-se no dia 1 do corrente um serviço religioso de acção de graças no templo da Igreja Lusitana de S. Paulo e, à tarde, uma sessão solene na qual foi orador o Rev. Sr. Eduardo Moreira. No próximo número daremos notícia destas festividades.

O «*Sempre Pronto*» aproveita o ensejo para saudar o seu Chefe e Escoteiros desejando ao «53» novos e sempre maiores êxitos.

Grupo N.º 85

Em 11 de Novembro findo, passou mais um aniversário do Grupo n.º 85 que, tendo sido fundado na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, se encontra hoje, transitòriamente, instalado nos anexos da Sede Central.

O «*Sempre Pronto*» saúda, por este motivo, os seus Dirigentes e Escoteiros, desejando novos sucessos ao Grupo 85.

IMPRENSA ESCOTISTA

«SEMPRE ALERTA»

A Federação Pernambucana de Escoteiros, que mensalmente publicava um boletim copiografado, iniciou em Agosto a sua publicação impressa sob o título acima, inserindo colaboração não só de interesse local, como também doutrinária,

Desejamos-lhe muito progresso e longa vida a bem do Escotismo.

«DIÁRIO DO MINHO»

A secção escotista deste importante diário nortenho tem tido a gentileza de acusar a recepção do nosso mensário com palavras de simpatia que muito agradecemos.

ANTIGOS-ESCOTEIROS

O nosso compatriota Chefe João Mós, dirigente escotista no Brasil, apresentou ao II Congresso de Dirigentes Escoteiros da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, realizado em Abril último no Rio de Janeiro, uma tese notável pela clareza de exposição e bem elaborado plano de organização do ramo de "Antigos-Escoteiros". Porque a exiguidade de espaço nos não permite a transcrição na íntegra, oferecemos aos nossos leitores o capítulo:

A RAZÃO DOS ANTIGOS-ESCOTEIROS

«UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO» eis o lema que deve ser adoptado por todos aqueles que passaram pelo Escotismo e desejam, de alguma maneira, continuar ligados à Promessa que fizeram, e ao Movimento em geral.

Aqueles que tiveram a Lei Escoteira como norma de vida, e as actividades como um meio para ajudar a formação do seu carácter e aptidões para a luta quotidiana, nunca devem consentir que o Escotismo seja considerado como um «jogo» que terminou. Devem mantê-lo em vigor enquanto viverem, como rapazes ou homens, ajudando-o por todos os meios ao seu alcance, tendo em mira o facto fundamental de que, quando tivermos um milhão de jovens imbuídos do Espírito Escoteiro, o Brasil poderá orgulhar-se de seus homens.

No Brasil há quase 30.000 escoteiros em actividade. Deve haver, pois, mais de 60.000 homens que prestaram o Compromisso Escoteiro, de «Cumprir o seu dever para com Deus e a sua Pátria, Ajudar o Próximo em toda e qualquer ocasião e Obedecer à Lei do Escoteiro». Sabemos que quase todos, se não todos, esses homens lembram-se com gratidão da educação escoteira que os ajudou a vencer na vida, mesmo se isto lhes trouxe privações e dificuldades.

O que querem esses homens? Sentir que ainda estão ligados ao Escotismo.

O que é que o Brasil e o mundo quer desses homens? Que continuem a viver dentro do espírito escoteiro.

O Departamento de «Antigos-Escoteiros» é a resposta a ambas as questões.

Como «Antigos-Escoteiros», os ex-Lobinhos, ex-Escoteiros, ex-Pioneiros e ex-Chefes, podem sentir que ainda têm alguma relação com o Escotismo, porque pertencem a uma fraternidade que desconhece diferenças de classe, crença, raça ou idade. Eles têm a certeza disso, e são estimulados por esta ideia.

Eles verificam que são ainda convidados a tomar interesse nas actividades actuais dos Chefes Escoteiros e que o seu auxílio, como também a sua assistência moral, é acolhida com gratidão. Isto ajudará a satisfazer o desejo sincero, que em geral todos sentem, de retribuir ao Escotismo alguma coisa do que dele aproveitaram.

Aqueles que passaram por um Clã de Pioneiros saberão também que o Departamento de «Antigos-Escoteiros» lhes dará os meios de pôr todas as suas energias e aptidões ao serviço da actividade, particular ou carreira que escolherem, enquanto, ao mesmo tempo, têm a possibilidade de continuar a ser membros do Movimento.

Já existe uma força toda pronta, mas até agora desorganizada, esperando sòmente ser utilizada, pois já é animada do espírito de camaradagem e de fraternidade.

Ex-Escoteiros já têm sido consultados sobre questões, referentes ao programa do Movimento, e chamados a tomar parte em Directorias e outros cargos, em várias entidades.

Há uns anos passados, (1936), Baden-Powell, esse espírito insigne de pedagogo, escreveu o seguinte a respeito dos «Antigos-Escoteiros»:

«Se olharmos para o futuro próximo não podemos deixar de antever o grande desenvolvimento que o Movimento terá, enquanto os «Antigos-Escoteiros» continuarem a aumentar.

«Quando se trata de milhares de homens dentro da nossa população, todos em contacto com o Movimento e todos influenciados pelo espírito escoteiro, pelo sentido da boa vontade e de prestar serviço, qual não será o benefício ao escotismo do país, e o que não significará no que diz respeito à lealdade e constância de uma boa parte da nação?

«Se olharmos, ainda, para além de tudo, vemos surgirem ainda maiores possibilidades, pois se as entidades de outros países possuirem organizações semelhantes, como sem dúvida sucede na maioria dos casos, que grande avanço será, então, possível conseguir-se, entre os homens das diferentes nações, no campo da boa vontade e mútua compreensão, que significa uma garantia de paz no mundo?»

...ta de ...i na 6.ª página)

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Conselho Internacional de Escotismo

De acordo com a Constituição e Estatutos da Conferência Internacional de Escotismo, o Conselho Internacional convidou Mr. Sten Thiel, Comissário Internacional do Conselho Escotista Sueco, para preencher a vaga causada pelo trágico falecimento do Conde Folke Bernadotte.

Mr. Thiel será membro do Conselho até à 12.ª Conferência Internacional a efectuar na Noruega em Agosto do próximo ano, quando esta vaga será preenchida em definitivo por eleição especial.

BRASIL

Em Junho último, realizou-se no Parque de Itatiaia, o 2.º Curso Nacional de Chefes Escoteiros, no qual tomaram parte representantes de quase todos os estados brasileiros e ainda alguns Chefes do Paraguai e da Bolívia, tendo sido muito satisfatórios os resultados obtidos. É muito louvável o esforço que a Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra vem fazendo para a realização deste Campo-Escola, cujos êxitos influirão grandemente no futuro do Escotismo neste país irmão.

FRANÇA

As subvenções à Associação Católica dos «Scouts de France» elevaram-se em 1947 a 12.900.000 francos e em 1948 a 3.700.000 francos. Em 1949 não estão previstas quaisquer subvenções, estando em estudo uma venda de Auxílio Nacional.

● O Calendário dos *Scouts de France* tem uma tiragem prevista de 400 mil exemplares.

● Os *Eclaireurs Unionistes de France* editaram igualmente um interessante calendário, de grande tiragem, com gravuras muito sugestivas.

● Os grupos de *Scouts de France* no estrangeiro estão assim divididos:

No México uma Alcateia, um Grupo e um Clã. Roma, Lisboa, Viena, Alexandria, Cairo, Ismalaia e Porto-Said têm uma Alcateia e um Grupo. Madrid tem um Grupo e Buenos Aires outro, mas em formação.

● Em Lião, em 12 de Junho último, César Geoffray reuniu um grupo coral com 700 escoteiros que deu um concerto de grande êxito.—C.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

—Comemorando o 3.º aniversário da criação do concelho do Entroncamento, a Banda do Grupo de Escoteiros percorreu as ruas desta Vila tendo dado mais um concerto no Jardim Parque «José Pereira Caldas», o qual foi aplaudido por numerosa assistência. Em seguida foi servido um lanche, oferta dos músicos, do Sr. Presidente da Câmara, e do nosso Grupo.

—Encontra-se nesta Vila, prestando serviço na Polícia de Segurança Pública, o escoteiro deste Grupo, Sr. Abel dos Santos Oliveira, a quem desejamos as maiores felicidades.

—Faleceu em 27 de Novembro findo, o o ferroviário reformado Sr. António Teixeira, pai dos antigos escoteiros deste Grupo, Srs. Manuel Teixeira e Rogério Teixeira. À família enlutada apresenta o «84» e o «*Sempre Pronto*» sentidos pêsames.

— Como nos anos anteriores, a Banda do Grupo comemorou o dia 1.º de Dezembro, com uma alvorada que se iniciou às 4 horas, percorrendo as ruas desta Vila tocando o Hino da Restauração.

—Já se encontra quase restabelecido de uma doença que o atacou na garganta, o escoteiro deste Grupo, Luís Máximo Oliveira.—C.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Avaliação de larguras e alturas

Em números anteriores apresentámos diversos processos de avaliação de distâncias. Para completar esses apontamentos, vamos agora considerar alguns outros sistemas de avaliação de larguras e alturas.

a) Medição de larguras

Às vezes necessita-se saber a largura de um rio que não se pode atravessar. Para conseguir efectuar essa medição, podemo-nos servir de dois métodos: o de alinhamentos e o do triângulo.

1) *Por alinhamentos* (Fig 1): Procura-se na margem oposta um ponto de referência, tal como uma árvore, uma rocha, uma casa, (ponto B). Na margem onde nos encontramos, bem na frente do ponto B, colocamos a nossa vara (ponto C). Partindo do ponto C em ângulo recto à linha C-B medimos, por exemplo, 30 metros. Ao cabo de 20 metros colocamos a outra vara (ponto A). Quando chegarmos ao ponto C', isto é, 10 metros além, marcamos esse local e voltamos em ângulo recto para o lado oposto ao rio, e seguimos em linha recta até que estejamos no prolongamento de uma linha traçada entre B e A (ponto B'). Para conhecer a largura do rio bastará multiplicar por dois o comprimento da linha B' C'.

Resumindo: como a distância A-C é o dobro da distância A-C', a largura do rio (linha B-C) é o dobro da distância da linha B'-C'. Se acaso a distância A-C fosse o triplo de A-C', a distância B-C seria também o triplo de B'-C'. Para evitar qualquer erro pode usar-se a fórmula

$$L = \frac{l\ C}{c}$$

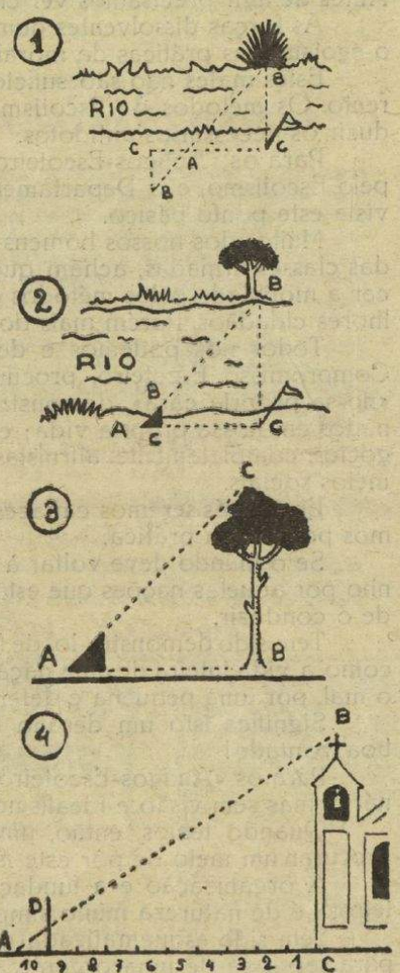
em que *L* será a largura do rio que desejamos conhecer; *l* o comprimento da linha B'-C', *C* o comprimento da linha A-C, e *c* o comprimento da linha A-C'.

2) *Pelo triângulo* (Fig. 2): Dobra-se ao meio, pela diagonal, um quadrado de papel, obtendo-se assim um triângulo rectângulo isóscele (isto é, com dois lados iguais e formando ângulo recto). Para utilização deste triângulo procede-se da seguinte forma:

Toma-se qualquer sinal na margem oposta como ponto de referência (B) e coloca-se na margem onde nos encontramos, em frente do ponto B uma vara (ponto C). Depois, com o triângulo de papel bem perto dos olhos e colocado horizontalmente, procura visar-se com o lado B' o ponto B e com o lado C' o ponto C. Recua-se, depois, até conseguir visar desta forma os pontos B e C simultâneamente. A distância desse sítio (ponto A) até C é igual à distância entre B e C, ou seja, a largura do rio.

b) Medição de alturas

É possível com grande facilidade saber a altura de um poste, uma árvore, casa ou torre com relativa



aproximação. São mais usados os processos do triângulo, da vara e da sombra.

1) *Pelo triângulo:* O processo usado anteriormente para cálculo de larguras pode ser aplicado para medição de alturas. As distâncias entre A e B e entre B e C (vide gravura 3) são iguais. Ao medir a distância A-B não esquecer de adicionar depois a altura do observador.

2) *Pela vara* (Fig. 4): Da base do edifício ou árvore de que se quer medir a altura, contam-se, em determinado sentido, 10 vezes a mesma medida. No ponto onde termina a nona divisão coloca-se uma vara. Depois postando-nos no fim da distância medida (em A) mira-se o topo daquilo de que queremos saber a altura e marcamos o ponto onde a nossa linha de visão para B passa pela vara (D). A distância que desejamos é igual a dez vezes a altura que vai de D ao chão. Se por acaso se tiver contado só 5 medidas, a altura será 5 vezes a altura considerada da vara.

3) *Pela sombra:* Se uma árvore de 10 metros der uma sombra de 2 metros, uma vara de 1 metro dará uma sombra 10 vezes menor, isto é, terá 20 cm. de comprimento. Esta relação pode ser aproveitada para se saber a altura de qualquer objecto, aplicando-se a fórmula

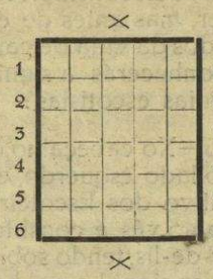
$$A = \frac{S\ s}{a}$$

onde *A* é a altura do objecto de que queremos saber a altura, *S* o comprimento da sombra desse objecto, *s* o comprimento da sombra da nossa vara e *a* a altura da vara.

PASSATEMPO

Por JOSÉ SEQUEIRA

Palavra assinalada



Conceito — Apelido de um poeta português

Maçada geográfica

2 PISAR

Conceito — Cidade da Europa

Charada combinada

3
+ CO = Navio.
+ LA = Prisão.
+ NA = Tecido.
+ CO = Pedaço.

Conceito — Cidade Espanhola

AGUARDAM-SE AS SOLUÇÕES

O "SEMPRE PRONTO"
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro
(frente à Estação do Rossio)

Podes ser Escoteiro!

PROVAS DE PATATENRA

Conforme te prometi, aqui venho novamente para te iniciar na vida aventurosa do Escotismo. Muito vais aprender, mas antes de entrares nos segredos da vida de campo, primeiro conhecerás a significação das insígnias escotistas:

A Flor-de-lis—No cabeçalho do nosso jornal, ao lado esquerdo, encontras o distintivo dos Escoteiros de Portugal. Como vês, é constituído por uma flor-de-lis, tendo sobreposto o escudo nacional e em baixo um listão com o lema *Sempre Pronto*. A flor-de-lis é o distintivo dos escoteiros de todas as nações. Não só em Portugal, mas se um dia puderes viajar, irás encontrar escoteiros com a flor-de-lis nos países mais distantes, como a China, a Austrália, a Islândia, etc., etc.

A flor-de-lis é branca, símbolo da pureza. Tem três pétalas que lembram ao escoteiro os três artigos do Compromisso de Honra, que brevemente irás saber. Por debaixo do escudo nacional encontra-se um elo que enlaça as três pétalas. Esse elo significa a fraternidade e amizade que unem os muitos milhares de escoteiros de todo o mundo. Na pétala central vês uma linha que a divide em duas partes. Essa linha é o símbolo da agulha magnética da bússola (também irás aprender a trabalhar com a bússola), ou seja a agulha que indica *sempre* o norte. Serve para recordar ao escoteiro que ele não é um rapaz vulgar, desorientado, mas tem um *norte*, um ideal, em cuja direcção sempre caminha. Prouvera a Deus que tu, que agora és aspirante, sejas em breve escoteiro patatenra, depois de segunda classe, primeira; amanhã escoteiro-sénior e depois um homem seguindo sempre a orientação, o norte que traçaste ao prestares o Compromisso.

O escudo nacional lembra ao escoteiro o dever para com Portugal, a sua Pátria.

O listão, que vês abaixo, tem o lema do escoteiro, de que falaremos mais tarde, e, na parte inferior, repara bem, um nó, o *nó da boa acção*, que lembra o primeiro dever do escoteiro: praticar diàriamente a boa acção (B. A.). Serás tu capaz de prestar todos os dias um serviço a alguém? Pode ser um serviço pequeno: ajudar um teu companheiro a resolver um problema escolar, auxiliar uma velhinha a levar um cabaz, conduzir um ceguinho, lavares a loiça à tua mãezinha. Serás capaz? — És! Então podes ser escoteiro!

Escreve-me hoje mesmo. Diz-me o que pensas. Conta-me as tuas dificuldades. Conta com este teu amigo.

VELHO LOBO LUSITANO

Manuel Luís—Lisboa: Recebi a tua cartinha. Muito bem: irás ser escoteiro! Vou tratar do teu caso e em breve te escreverei. Entretanto vai lendo o «*Sempre Pronto*».

ANTIGOS-ESCOTEIROS

(Conclusão da 4.ª página)

Nestes dias não se podem ler as palavras do grande educador sem sentir que o Escotismo tem uma missão a realizar, maior ainda do que aquela que ele tinha previsto quando as escreveu, não só para o seu país mas em todos os outros onde o Movimento está radicado. (A 2.ª Grande Guerra Mundial será uma constante prova do que o Escotismo é capaz de fazer).

Se sòmente uma fracção dos «Antigos-Escoteiros» pudesse atingir, dum certo modo, a coesão de que são capazes, pela sua influência no Movimento Escoteiro, essa unidade de propósitos poderia afectar de forma profundamente benéfica o desenvolvimento do Escotismo.

Não se sugere que os «Antigos-Escoteiros» deveriam tomar parte activa na política (isto sem dúvida eles podem fazer como cidadãos), mas deviam tomar uma atitude muito definida e positiva, em relação a todas as influências e forças negativas, que constituem o maior perigo dentro da nação, mais do que todas as forças que porventura a ameacem de fora.

Uma tal atitude deve, certamente, formar a base de toda a acção. Antes de agir precisamos ver claramente o nosso objectivo.

As forças dissolventes duma nação são a indiferença, a indisciplina, o egoísmo, as práticas da moral corrupta.

Estes males não são suficientemente combatidos por um ataque directo. Os métodos do Escotismo são geralmente os melhores para produzir os necessários antídotos.

Para os «Antigos-Escoteiros» as mais efectivas oportunidades vêm pelo Escotismo, e o Departamento de «A-E» está organizado tendo em vista este ponto básico.

Muitos dos nossos homens públicos, professores, homens de letras e das classes armadas, acham que a melhor e mais prática medida é educar a mocidade pelos métodos escoteiros, para que eles se tornem os melhores cidadãos. Porém mais do que isto se exige.

Todos nós podemos e devemos, tendo em consideração o nosso Compromisso Escoteiro, procurar por todos os meios pôr ordem em «nossa própria casa», demonstrando que somos rigorosamente disciplinados em nossa própria vida; escrupulosamente honestos em nossos negócios, completamente altruístas em nossos próprios lares e em nossos meios sociais.

Então nós seremos capazes de recomendar a outros o que nós mesmos pomos em prática.

Se o mundo deve voltar à sanidade, deve ser-lhe apontado o caminho por aquelas nações que estão moral e espiritualmente em condições de o conduzir.

Tem sido demonstrado, de forma eloquente, em nossa própria época, como a vida inteira de uma nação pode ser orientada para o bem ou para o mal, por uma pequena e determinada minoria.

Significa isto um desafio demasiadamente grande aos homens de boa vontade!

Para os «Antigos-Escoteiros» um tal objectivo pode parecer visionário, mas sem visão e idealismo nenhum progresso pode ser alcançado.

Quando temos, então, uma razão e um fim, só então poderemos procurar um meio de pôr este *fim* em acção.

A organização e a fundação do Departamento de «Antigos-Escoteiros» é de natureza muito simples.

Tem sido esquematizada mais para desenvolver uma ideia, do que para servir-se de uma organização, de um grande conjunto de homens.

O Departamento de «Antigos-Escoteiros» de cada Grupo será um constante estímulo à missão dos seus Chefes.

JOÃO MÓS

O 5.º ANIVERSÁRIO do "SEMPRE PRONTO"

O próximo número do nosso jornal, a publicar em 1 de Janeiro p. f., será comemorativo do nosso 5.º aniversário.

Acampamento de Férias do Grupo n.º 2

Por um lapso lamentável deixámos de noticiar em tempo devido que o Grupo n.º 2 realizou um acampamento de férias de 14 a 29 de Agosto p. p., em Caxias, no qual tomaram parte muitos dos seus escoteiros.

No Domingo, dia 22, efectuou-se uma festa de campo, durante a qual prestaram Compromisso os novos escoteiros António Galapito, José Adrião, Edgar Pantoja, Eduardo Luís e Carlos P. Gama. O acampamento foi visitado pelo Sr. Eng.º Jardim, membros do C. N. E., família dos escoteiros e tomaram parte na festa de campo os Grupos n.os 9, 79 e 85.

MARCO DO CORREIO

O súbito agravamento de preços das tarifas postais trouxe um problema ao «*Sempre Pronto*» visto que a nossa verba de expediente é bastante avultada e não pode ser aumentada sem grave prejuízo para a vida financeira do jornal. Diligenciando manter a mesma verba, resolvemos criar a secção — MARCO DO CORREIO — onde daremos resposta a pequenas consultas que nos sejam feitas ou registaremos a recepção de correspondência que não exija pronta e ampla resposta.

Pedimos ainda aos nossos assinantes e correspondentes que nos permitam que, sempre que a natureza do assunto o consinta, passemos a utilizar bilhetes postais em vez de cartas.

Esperamos que todos os nossos amigos nos desculparão estas medidas e, com a boa vontade de todos, confiamos que o serviço continuará a ser feito com o cuidado que é nossa norma, sem que maiores despesas venham criar dificuldades à vida do «*Sempre Pronto*».

Albano Trindade — Luanda — Agradecemos as suas notícias e o jornal passará a ser enviado para essa cidade. Pedimos o favor de nos remeter a importância da assinatura dos n.os 42 a 49.

Fernando das Salvas Silva — Seixal — Aguardamos a liquidação. Queira fazer o favor de nos dizer se quer que lhe continuemos a enviar o jornal nas mesmas circunstâncias.

Filipe Lopes Ramos (Abadia) — Alcobaça — Agradecemos resposta ao nosso postal de 17 de Novembro p. p.°.

Teodoro M. Muller — Alfeite — Idem.

Edmundo Matos — Torres Novas — Idem.

Dr. Luís Pereira — Vila Franca de Xira — Idem.

Leonel de Freitas Trindade — Torres Vedras — Idem.

António Nunes Carrega — Castelo Branco — Idem.

Grupo Campista "Os Lusos" — Idem.

José Vicente — Mértola — Idem.

António Álvaro Dória — Braga — Idem.

Grupo Campista Avante — Viseu — Idem.

LIVROS

Trente Garçons — Jean Pellegrin — Eclaireurs Unionistes de France.

Entre os livros que a editorial dos Escoteiros Unionistas de França oferece ao estudo dos dirigentes escotistas, destaca-se pelo seu valor, como norma de orientação para o Chefe de Grupo, a obra citada acima, do Comissário Jean Pellegrin. Escrita numa linguagem clara e entusiasta, o autor encaminha o Chefe através da vida de um Grupo, inspirando-o, eutusiasmando-o, apontando a maneira como o dirigente deve agir em face do rapaz e em face do Escotismo.

Não é um manual, mas é um bom roteiro da vida do Grupo. Os seus capítulos: O Escotismo: Um Jogo, Uma Técnica, Um Sistema, Uma Cavalaria; Problemas do Grupo e Problemas do Chefe, são ricos de conceitos e conselhos utilíssimos a quem tem a seu cargo a espinhosa missão de chefiar um grupo de rapazes escoteiros.

Especialmente dedicado e mais útil aos Chefes de Grupos confessionais, Trente Garçons é uma obra que recomendamos a todos.

E. R.

M. BERNARD BLANGER

Para despedida do Adido de Imprensa da Embaixada Francesa, M. Bernard Blanger, que partiu para Paris, chamado a desempenhar um cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi servido no Instituto Francês um excelente «cocktail», oferecido pelo homenageado e por M. Pierre Houcarde, director do Instituto.

Entre os numerosos membros da colónia francesa de Lisboa e jornalistas, estavam presentes os Srs. António Ferro, Drs. Francisco Cortez Pinto, Tavares de Almeida e Alfredo de Carvalho, João Ortigão Ramos e o Embaixador de França e esposa.

M. Blanger, que durante a sua permanência em Lisboa havia grangeado inúmeras simpatias, foi muito cumprimentado durante a animada reunião.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O "Sempre Pronto,, no Entroncamento

Por motivo da sua vida profissional lhe não permitir desempenhar, com a assiduidade que desejaria, o lugar de nosso Delegado no Entroncamento, pediu-nos a sua demissão o irmão-escoteiro Sr. Aníbal Rodrigues Horta, que tinha como seu sub-delegado o nosso camarada Sr. Luís Máximo de Oliveira.

Sentimos profundamente o afastamento destes amigos que tão bons serviços prestaram ao «*Sempre Pronto*», em especial o nosso camarada Aníbal Horta que com um espírito de dedicação notável promoveu a difusão do nosso jornal naquela localidade, a ponto de termos ali um bom grupo de amigos e assinantes.

Foi convidado para desempenhar o cargo de nosso Agente-Correspondente o nosso irmão-escoteiro Sr. João Godinho, que há pouco foi transferido dos escritórios de Lisboa da C. P. para os escritórios do Entroncamento, e que amigàvelmente se prontificou a ocupar o lugar vago.

Estamos certos que a colaboração deste nosso dedicado amigo nos assegura a difusão do «*Sempre Pronto*», entre a laboriosa e simpática população do Entroncamento.

IMPRENSA

«O SEMEADOR BAPTISTA»

Este nosso prezado colega que quinzenalmente nos dá o prazer da sua visita, comemorou em Novembro último o seu 23.° aniversário. Por tal motivo endereçamos as nossas felicitações ao seu digno Director, Sr. Rev. A. Maurício, com votos de novos êxitos e prosperidades.

DE SETÚBAL — Grupo n.° 40

Este Grupo entrou em reorganização e foi recentemente visitado pelo Chefe Regional do Centro e pelo Chefe do Departamento de Propaganda.

No dia 1 do corrente realizou na sua sede uma interessante festa, na qual usou da palavra, evocando a Restauração de Portugal, o Rev. Sr. Pereira Martins. O Chefe do Grupo, o nosso amigo José Marques Serrano, tomou a Promessa a quatro novos escoteiros.

Apresentamos ao Grupo 40 votos de muito progresso e êxito.

N.° 13 — Dezembro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

Livres

Dominados e desarmados os quatro facínoras foram conduzidos à canoa da polícia, mas o Guia da Patrulha Tigre não deixou que partissem sem primeiro tratar do ferimento que um deles recebera na mão. De uma pequena bolsa que trazia no cinto, retirou um penso que colocou cuidadosamente no ferimento. Um dos polícias não pôde deixar de dizer ao caridoso rapaz:—Então ele estava disposto a dar cabo de vocês e tu ainda estás com medo que ele apanhe alguma infecção?—Devemos fazer bem a todos e especialmente aos nossos inimigos—redarguiu o Guia.

— É isto o Escotismo — disse em tom de conclusão um dos guardas. E os bandidos lá seguiram para a praia.

A polícia passou depois um busca rigorosa ao local. Mal penetraram na caverna não puderam ocultar o seu espanto. Depois de uma passagem hàbilmente disfarçada abria-se uma clareira vasta, verdadeiro salão subterrâneo construído em cimento e iluminado por electricidade produzida por baterias. No tecto, uns respiradores davam passagem ao ar através das rochas. Fechada a porta de acesso, ninguém poderia supor do lado de fora a existência daquele subterrâneo.

A polícia iniciou a inspecção. A um canto estava montada uma pequena estação emissora de rádio. Por toda a parte se viam caixotes contendo toda a espécie de valores: cortes de fazenda, colchas, tapetes, garrafas de vinho, calçado, muitos instrumentos e ferramentas. Ao fundo um cofre valente. Um dos guardas tentou abri-lo, mas em vão. Estava fechado e bem fechado. Era de forte construção, teria de ser chamado um perito para o arrombar.

O Chefe do destacamento sentou-se a uma secretária (parece que ali nada faltava), e passou a elaborar o seu relatório. Os escoteiros tinham também entrado para analisar, mas vendo que o caso estava ainda demorado, pediram ao seu Chefe licença para se retirarem. Concedida a autorização o Guia da Tigre não quis sair sem primeiro abraçar o Chefe e o Guia da Patrulha Cão. Houve então naquele local, que tudo indicava ser um covil de malfeitores, uma manifestação da amizade entre aquele grupo de rapazes. E no fim, o Guia da Tigre bradou:—Pela Polícia Marítima: BRAVO! *—e todos acompanharam:* — bravo, bravo, bravo... ! *O Chefe do destacamento policial, apesar de ser homem habituado à vida dura do serviço da polícia, visìvelmente comovido, declarou:— Vós é que sois uns bravos, meus rapazes. Nós aqui nada fizemos, foi a vossa valentia, o vosso heroísmo que vos salvou. Mas cabe-vos ainda honra maior do que essa. A confirmar-se a minha suspeita deveis ter descoberto uma temível quadrilha de malfeitores internacionais, que era procurada pela polícia de vários países.*

—Sim?!—exclamaram todos admirados.

—Não precipitemos conclusões. Teremos tempo de comprovar o que não passa agora de uma simples suspeita.

—Então vamos ao nosso acampamento, —disse um dos escoteiros.

—A Patrulha «Cão» acampa connosco!,—bradou o Raul.

—Se o Chefe der licença não há dú vida nenhuma, —replicou o Guia da Cão.

O Chefe imediatamente autorizou e a rapaziada correu para o acampamento. Ali chegados, o Rui disse:—Guia posso ir fazer agora o Nescau?—Não!, são horas de cumprirmos as nossas obrigações para com Deus e a Pátria,—afirmou o Guia, e logo puxou do apito e transmitiu a letra R, sinal de reunir. As duas patrulhas cercaram imediatamente o mastro do acampamento. Foi convidado para içar a bandeira nacional o escoteiro mais novo da Patrulha «Cão». E, enquanto a bandeira subia na direcção do céu azul de Portugal, os escoteiros da Tigre, agora tranquilos e em saudação à bandeira querida, compreendiam melhor o perigo por que tinham passado e sentiam-se finalmente livres!...

(CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO)



Natal no Palheiro

—Posso entrar? — implorava o velho Tomás, empurrando custosamente a porta do palheiro onde vivia o seu velho amigo Jerónimo. Quem observasse atentamente o recém-chegado notaria certamente que grande preocupação transparecia do seu rosto. Andava com dificuldade, arrimado a um velho bordão. Fechando a porta, veio sentar-se ao lado de Jerónimo.

Durante alguns minutos os dois mendigos permaneceram silenciosos. O olhar triste de Tomás perdia-se na parede enegrecida do fundo do palheiro, donde pendiam poeirentas teias de aranha. Jerónimo, estranhando o silêncio do seu amigo, contemplava-o curiosamente, como a estudá-lo. Por fim, não consentindo mais suster a sua impaciência, observou-lhe:

— Estás preocupado, homem?!

Tomás, contudo, parecia nada ter ouvido. Ensimesmado, continuava, de cabeça caída, a olhar triste para o chão. Por fim, como se estivesse fazendo uma confissão, monologou:

— Venho pedir-te que me dês abrigo durante esta noite...

Jerónimo lançou ao seu companheiro um olhar de interrogação. Este, comprendendo a admiração do seu amigo, com um sorriso amargurado, explicou-lhe:

— À tarde, quando voltei ao telheiro, não o encontrei... As chamas, durante o dia, tinham-no reduzido a escombros...

De facto assim tinha acontecido. Durante o dia, o telheiro onde o Manuel da Bica deixava o Tomás recolher-se, havia sido desfeito por um incêndio, roubando ao pobre velho o único abrigo que o defendia das longas noites desse agreste inverno.

Quando Tomás acabou de dizer, nestas simples palavras, a grande tragédia que lhe sucedera, os dois mendigos sentiam a garganta estremecer de comoção; Jerónimo, apavorado ante o mal que tinha chegado ao seu amigo e que amanhã também o poderia atingir; Tomás, arrepiado, como se as suas palavras tivessem cavado mais profundamente a ferida que retalhava o seu coração. Pobre dele, velho e cansado, sem umas telhas onde se esconder do frio e do vento que nesse tempo, dominavam as noites naqueles campos!

— Ficarei aqui esta noite, — dizia ele roufenhamente, — e amanhã partirei para onde Deus quiser...

Os dois velhos estavam profundamente emocionados. Durante alguns minutos, o palheiro ficou mergulhado no mais absoluto silêncio, nesse silêncio que muitas vezes costuma envolver as grandes tragédias. Tomás e Jerónimo, no seu mutismo, pareciam querer ouvir uma voz que lhes ajudasse a vencer o grande problema que tinham ante si.

—Que aconteceria ao pobre Tomás, — pensava Jerónimo, — se ele o deixasse só, ele que quase não podia andar, tolhido como estava pelo reumático. Alguma noite apareceria caído na faixa de uma estrada, vencido pelo frio e pela fome. Não, não podia deixá-lo ir embora.

De súbito, como tomado de uma resolução firme, exclama com decisão:

— Tomás! eu sou pobre como tu; como tu vivo à mercê do que as mãos generosas vêm depositar junto de nós. Pouco tenho para te dar, mas esse pouco dividi-lo-ei contigo. Aqui o tens!

Dizendo isto, levantou-se e foi buscar uns nacos de pão que lhe haviam dado nesse dia.

—Hoje é noite de Natal, — disse ele sorrindo para Tomás. — Lá em minha casa, quando eu era pequeno, esta noite era sempre de festa e alegria. Havia brinquedos, doces e eu com os meus amigos cantávamos até quando a noite ia já alta. Belos tempos! Depois tudo mudou. Mas ainda gosto de comemorar esta noite, cá à minha maneira...

Tomás seguia atentamente as palavras do seu amigo. Não pôde, porém, evitar um gesto de recusa quando este lhe apresentou os bocados de pão com que queria presenteá-lo.

—Jerónimo, — disse ele, — agradeço-te toda a tua bondade. Contudo, eu nada mais desejo que ficar aqui esta noite, abrigado, aí para um canto. Depois, amanhã, abalarei...

Jerónimo a princípio ficou perplexo com a atitude de Tomás. Depois, sentando-se junto dele, disse-lhe com brandura:

— Nos meus tempos de criança era costume dar-se, nesta noite, qualquer coisita aos pobres. Dizia-se que Jesus havia ensinado a todos a prática do bem. Por isso, tens de aceitar estas migalhas. Aqui tens o pão. O Rufino deu-me esta linguiça que nos vai saber que nem ginjas. Depois temos ainda aqui uma maçã. É bastante grande, chega para os dois...

Tomás não pôde recusar. Com um gesto de reconhecimento recebe em suas mãos a pequena ceia que o Jerónimo lhe destinava.

— Está bem, — dizia ele, — aceito a tua oferta, para comemorarmos, como tu dizes, a noite de Natal, mas amanhã já não te incomodarei, vou-me embora...

—Vais-te embora? — perguntou o Jerónimo com voz autoritária. — Não sairás daqui sem teres qualquer buraco onde te possas abrigar. Isto chega para os dois. Demais, recolher-te uma noite, para amanhã deixar-te morrer ao frio, por esses caminhos, de nada serviria... Vá vamos a comer enquanto há uma réstea de luz...

E os dois mendigos iniciaram a modesta ceia do Natal. Aquelas migalhas que carinhosamente almas generosas lhes tinham oferecido, pareciam aos dois pobres velhos o mais faustoso banquete...

* * *

Era noite. Quem espreitasse para dentro do palheiro, veria os dois mendigos estendidos na palha que só a um se destinava, dormitarem em doce tranquilidade, que o frio vinha, de vez em quando, interromper, fazendo-os estremecer, gelados.

Veria, também, pelo tecto descer, dum sítio donde o vento há muito levara algumas telhas, um raiozinho de intenso luar, que vinha sobre os dois mendigos. Dos seus capotes coçados erguia-se então um reflexo de luz, descerrando um pouco as trevas do pardieiro. Esse reflexo mais parecia aquela estrela que outrora havia brilhado no céu, anunciando o caminho para o Bom Jesus, o qual nessa noite nascera em Betlém...

JOEL RIBEIRO

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Visitas — Tivemos o prazer de abraçar o nosso estimado amigo e colaborador Sr. Aníbal Rodrigues Horta, ex-delegado do «*Sempre Pronto*» no Entroncamento, que, de passagem por Lisboa, teve a gentileza de nos visitar, o que muito agradecemos.

Doentes — Tem estado doente o nosso estimado Camarada Sr. Armando Lino, Chefe do Grupo n.º 53. Desejamos-lhe um breve restabelecimento e fazemos votos de que, dentro de pouco tempo, o possamos encontrar de novo chefiando o seu Grupo.

● O nosso estimado assinante e irmão-escoteiro do C. N. E. Sr. Silvério Pinto, que se encontrava hospitalizado, já regressou a sua casa, com o que nos congratulamos, desejando-lhe o mais completo restabelecimento.